

Efeito da adição de carbendazim às misturas de fungicidas no controle de giberela em trigo

Márcia Ghizzi¹, Jefferson Gonçalves Acunha², Erlei Melo Reis³, Clever Variani^{1*}
*Orientador

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) -
Campus Sertão. Sertão, RS, Brasil.

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) -
Campus Bento Gonçalves. Bento Gonçalves, RS, Brasil.

³OR Melhoramento de Sementes Ltda, Rua Rui Barbosa,1300, CEP 99050-120, Passo
Fundo - RS.

A inexistência de cultivares resistentes à doença da giberela (causada por *Gibberella zeae*), a baixa eficiência do controle químico e elevados teores de micotoxinas em grãos de trigo (*Triticum aestivum*), tem preocupado a cadeia de produção de trigo, no Brasil. No curto prazo, a tendência de controle deverá ser via controle químico com fungicidas eficientes, uso de equipamentos que garantam uma boa cobertura das anteras e sistemas de aviso para a aplicação, quando ocorrerem condições ambientais favoráveis para a infecção, como chuvas após a floração. A nova legislação estabelece teores limítrofes para a presença de micotoxinas nos grãos de trigo, o que deverá dificultar a comercialização. O trabalho foi conduzido no campo experimental de pesquisa do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) – campus Sertão. Para os tratamentos, as doses de prothioconazol + trifloxistrobina foi de 0,75 L/ha, sendo adicionadas as doses de 0,6, 1,2, 1,8, e 2,4 de L/ha de carbendazim. Para o momento específico da aplicação para controle da giberela, foi usada barra de pulverização com pontas duplo leque, lançando um jato para frente à 30° e outro para trás a 70°, proporcionando um molhamento melhor e mais uniforme das espigas a fim de otimizar o controle químico. O experimento foi conduzido em blocos ao acaso em parcelas subdivididas, com quatro repetições. Onde na parcela principal, variaram-se as doses de fungicidas e nas sub-parcelas o momento de aplicação. As aplicações foram realizadas após o início da floração ou antes da ocorrência de chuvas, previstas pelo CPTEC/INPE. Considerando-se um período de proteção dos fungicidas de 15 dias, uma segunda aplicação foi realizada após esse intervalo, mas antecedendo a ocorrência eventual de nova chuva prevista. Para as avaliações levou-se em conta a incidência em espigas e em espiguetas, calculando o controle e estimando o rendimento de grãos. O experimento ainda está sendo conduzido à campo e, até o momento, os dados ainda estão em fase de coleta e tabulação.

Palavras-chave: Controle químico. *Gibberella zeae*. *Triticum aestivum*.

Trabalho executado com recursos do edital PROPPI nº 014;2015 – Fomento Interno 2016/2017 do IFRS Campus Sertão.